12º CONGRESSO INTERNACIONAL EM SAÚDE
CISaúde - 2025
Saúde em tempo de crise: tecnologias emergentes e equidade no acesso
06 a 09 de maio de 2025

Tipo de Trabalho: Resumo Simples
Seção: Psicologia

"*NÃO TE DIGO QUE NUNCA FIZ, PORQUE JÁ FIZ*": ESCOLHA PARENTAL EM OFERECER OU NÃO TELAS AOS BEBÊS PREMATUROS[1]

Érika Gianluppi Villani[2], Ruhan Pieniz Brandão[3], Amanda Schöffel Sehn[4]

[1] Pesquisa desenvolvida na Unijuí; financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).
[2] Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/CNPq; voluntária do Projeto Prematuros: Prevenção, apoio e cuidado; estudante do curso de Psicologia da UNIJUÍ. E-mail: erika.villani@sou.unijui.edu.br.
[3] Voluntário do Projeto Prematuros: Prevenção, apoio e cuidado; estudante do curso de Psicologia da UNIJUÍ. E-mail: ruhan.brandao@sou.unijui.edu.br.
[4] Professora do curso de Psicologia, extensionista do Projeto Prematuros: Prevenção, apoio e cuidado. E-mail: amanda.sehn@unijui.edu.br.

Introdução: Os bebês, de forma cada vez mais precoce, têm sido expostos às telas, sendo que a televisão é um dos principais dispositivos utilizados pelas famílias com bebês menores de dois anos, com a intenção de distraí-los enquanto os adultos realizam tarefas pessoais e/ou domésticas, bem como para acalmá-los. Apesar disso, a literatura aponta que não há benefícios em utilizar as telas de forma tão precoce. Dentre os prejuízos em relação ao desenvolvimento infantil, em particular para os bebês prematuros, destacam-se: dificuldades socioemocionais, visuais, de psicomotricidade, entre outras. **Objetivo:** Investigar os motivos de mães e pais em permitir ou não a exposição de bebês às telas nos primeiros meses de vida, considerando o contexto de prematuridade. **Metodologia:** Realizou-se um estudo qualitativo e transversal, em que foram entrevistadas 20 mães e dez pais de 25 bebês prematuros (cinco gemelares), sendo 15 meninos e dez meninas. Em média, os bebês nasceram com 32 semanas de gestação e, no momento da coleta de dados, estavam com aproximadamente dois meses de idade corrigida. As mães tinham em média 24,4 anos e os pais 35,5 anos, com grau de escolaridade que variou de ensino fundamental à pós-graduação. Todas as mães e pais se autodenominaram responsáveis pelos cuidados dos bebês e assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI), com parecer número 70390623.2.0000.5350. Realizou-se análise temática indutiva, em que foram elencados os seguintes temas: 1) Escolha parental em oferecer ou não telas aos bebês; 2) Motivos relacionados à exposição ou não dos bebês às telas. **Resultados:** Em relação à escolha parental de oferecer ou não telas aos bebês, 11 famílias optaram por não permitir que os bebês (n=14) ficassem expostos às telas diretamente ou indiretamente (ex.: manter o bebê na sala quando a televisão está ligada), enquanto uma decisão conjunta do casal. Por outro lado, nove famílias relataram oferecer telas aos seus filhos (n=11 bebês), embora essa escolha se desse, por vezes, devido à presença e relação com irmãos. A televisão foi o dispositivo mais utilizado, com o entendimento de que seria menos prejudicial do que o celular: "A TV às vezes tá ligada, tipo, ele [bebê] fica mais na sala, né, daí a TV tá ligada. Mas celular, assim, não" (M6); "A mana coloca ele [bebê] olhar televisão, né? O celular eu evito" (M13); "Ele

[bebê] assiste TV, ele fica olhando, ele fala com as paredes, ele fala com os quadrinhos, ele resmunga [com a televisão]. Bem quietinho" (M24/25). Quanto aos motivos relacionados à exposição dos bebês às telas, na maioria dos casos esta escolha esteve associada à rotina dos pais, em especial das mães, de modo que enquanto o bebê assistia televisão ou celular era possível ao adulto se dedicar aos afazeres domésticos: "[...] Não te digo que nunca fiz, porque já fiz de colocar uma musiquinha lá ou uma música aleatória pra mim conseguir fazer o arroz, terminar o arroz, arrumar a mesa ou fazer alguma coisa, né? [...] ou até mesmo pra ir no banheiro" (M14/15). "De meio-dia pra mim conseguir almoçar, né [...] porque, é eu sentar pra almoçar, ele quer colo, ele quer chorar" (M20); "[...] pra gente conseguir fazer alguma coisa, às vezes, né? Tipo, ah, vai fazer uma janta, fazer um negócio. Não tá os dois [mãe e pai] juntos, daí tu liga [a televisão] ali pra conseguir fazer algum negócio, se não acaba não conseguindo fazer." (P23). Outra justificativa para o uso das telas foi devido ao seu efeito "tranquilizador", ou seja, para que os bebês ficassem mais colaborativos ou quietos: "Às vezes a gente vai trocar ele [bebê] e ele tá deitadinho na cama e a gente troca ele quietinho assim virado para a TV" (P4). Adicionado a isso, foi relatado que, por vezes, os bebês ficavam com a mãe e o pai na sala, onde a família tinha por hábito manter a televisão ligada, expondo assim os bebês às telas: "Às vezes [a TV] está ligada e às vezes a gente bota os desenhinhos e ele [bebê] presta atenção, a gente não deixa muito" (M6); "Eles [bebês gemelares] acabam olhando paralelo com a gente, porque a gente acaba ficando na sala, né. O Inácio vira, né, vira o rostinho e fica, então, o Inácio eu tô botando ele meio enviesado pra ele não virar, sabe?" (M18/19). Referente aos cuidadores que não deixavam os bebês expostos às telas, o motivo mais recorrente era a compreensão de que esses dispositivos poderiam causar prejuízos ao desenvolvimento infantil nos primeiros meses de vida do bebê: "[...] a gente [mãe e pai] não quer dar [telas], assim, quer esperar, porque com certeza na creche eles vão olhar né, ter uma visão, então a gente quer esperar, pra não dar agora né" (M2/3). "[...] Eu não quis expor elas [bebês gemelares] ainda às telas (M11/12); "Ele [bebê] tem dois meses também, né? Não tem por que tá na frente do celular forçando os olhos, né?" (M13); "[...] muito pequenininha, né?" (M16). Há também casos em que o bebê é exposto somente ao som, sendo uma exposição intencional: "É só o som. Daí que nem quando eu vou fazer ela [bebê] dormir de noite, eu coloco [música] no celular, mas coloco lá longe, assim" (M5). **Conclusões:** Em consonância com a literatura, observou-se que a escolha em oferecer telas aos bebês prematuros se relacionou a uma necessidade da família e não dos bebês, embora, por vezes, mãe e pai estejam cientes dos prejuízos ao desenvolvimento infantil. A sobrecarga de estímulos, a passividade diante das imagens, os atravessamentos para a motricidade, entre outros aspectos, são alguns dos desdobramentos que a oferta excessiva de telas pode trazer aos bebês e crianças pequenas, o que sustentou a decisão de 11 famílias deste estudo em não oferecer televisão e celular, por exemplo, aos filhos. Assim, considera-se relevante ampliar as discussões sobre as mídias digitais, ao invés de simplesmente proibir o seu uso, no intento de compreender em que momentos mãe e pai oferecem esses dispositivos aos bebês. Enfatiza-se, ainda, a necessidade de políticas públicas voltadas à infância que possam contribuir com subsídios para a tomada de decisão das famílias, bem como com estratégias de apoio enquanto alternativas às telas durante os cuidados dos bebês e crianças pequenas. **Palavras-chave:** Tempo de tela; Prematuridade; Parentalidade. **Agradecimentos:** Agradecemos à FAPERGS pelo fomento financeiro à pesquisa.